

A difícil sobrevivência dos Tükuna

O índio brasileiro, sua vida, costumes, tradições e, especialmente, seus problemas são motivos de interesse dos estudantes. O mesmo acontece com Maria Alice Dornelles Souza, estudante de Sociologia Rural, que integrou uma turma do Projeto Rondon, destinada a levantar informações para a Fundação Nacional do Índio, em convênio com o Ministério do Interior. Durante um mês ela conviveu com os Tükuna, no Alto Solimões. Conta suas impressões e coloca seu posicionamento a respeito do problema do índio na Amazônia.

A AMAZÔNIA é uma realidade que está sempre em pauta, seja pela exuberância de sua natureza, seja pelos conflitos oriundos das formas de dominação exploratória exercidas pelo homem neste ecossistema, em busca do lucro fácil.

Entretanto, o desenvolvimento destes temas não é o objetivo principal deste relato. Em consideração às pessoas que conhecemos em um mês de convívio no Alto Solimões, enfocaremos os acontecimentos que presenciaremos.

Uma das queixas de todo o amazense é que muito se escreve, lê, ouve e fala sobre a sua realidade, mas poucos são os que defendem a sua verdade. Na maioria das vezes, as informações são tiradas de observações ligeiras que pecam por traduzir apenas parte de um contexto maior e mais complexo.

Como diz "João Português", amazense de Benjamin Constant, nem mesmo alguém nascido e criado na região, consegue, numa existência, desvendar todos os segredos da floresta e do rio-mar. Muito embora, ele mesmo tenha se embrenhado mata a dentro durante vários anos, exercendo diferentes profissões.

"Cada lugar é diferente do outro. Como se explica que num mesmo rio, um igarapé tenha bróca e no seguinte não? Ou que a castanheira desta margem, se desenvolva e produza frutos em abundância e que na outra, esta árvore nem sequer cresça".

Diante deste depoimento nos resta permanecer fiéis aos acontecimentos vivenciados recentemente, quando realizamos uma pesquisa de campo entre os índios do Alto Solimões. Este levantamento de dados surgiu da necessidade da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) de possuir informações sobre a real situação do índio brasileiro. Para isto firmou convênio com a Fundação Projeto Rondon e com o Ministério do Interior mobilizando universitários de todo o Brasil e recursos materiais. No dia 19 de abril, Dia do Índio, os resultados deste levantamento seriam divulgados, o que não ocorreu.

MISSÃO

Após uma semana de treinamento, a equipe multidisciplinar dividiu-se em sete subequipes cobrindo os municípios de Benjamin Constant, Atalaia do Norte, São Paulo de Olivença e Santo Antônio do Itá, área de atuação do Campus Avançado da PUC do Rio Grande do Sul, em ação, retornando para a avaliação de toda a problemática, depois de percorrer as aldeias previstas no roteiro de viagem durante duas semanas.

Nossa missão era entrevistar as comunidades da tribo Tükuna, situadas no município de São Paulo de Olivença. Trata-se de índios em vias de integração ao mundo civilizado.

ORIGEM

Existem controvérsias a respeito da origem do índio Tükuna. Alguns afirmam que seria descendente dos primeiros homens que povoaram o continente, descendo pelo Estreito de Bering.

Quando o transatlântico americano "Discover World" em cruzeiro turístico aportou em Vendaval, uma aldeia-sede com população de mil índios, não foi difícil para os Tükunas ao subirem a bordo, confundirem a tripulação coreana com os seus irmãos. "Tentavam o diálogo com os orientais e não entendiam que estes não lhes respondessem", contam os sociólogos André e Marina Vilas Boas, do Posto Indígena de Vendaval, que presenciaram o ocorrido.

De acordo com estatísticas da FUNAI, a população indígena está estimada em 200 a 240 mil índios até 1985, tendo em vista que a taxa de crescimento é superior à média nacional, que é 2,8.

A população Tükuna, em terras brasileiras, é avaliada em 11 mil indivíduos, conforme relatório do Pe. Egidio Schwade, do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) colhido em meados de 1974. Hoje, calcula-se que essa população está em torno de 14 mil.

Atualmente, os Tükunas, pelo crescimento demográfico, figuram entre as maiores tribos do território brasileiro e localizam-se na zona fisiográfica Solimões-Javari. A maior concentração permanece ao longo do Solimões, em localidades do município de São Paulo de Olivença.

SUBSISTÊNCIA

Os Tükunas possuem uma economia de subsistência, oriunda da agricultura, pesca, caça e frutos silvestres. Em algumas regiões ao longo do Solimões — denunciando os capitães indígenas de Vendaval e Campo Alegre — escasseiam a caça e a pesca porque o "branco já levou tudo pra vendê", não respeitando sequer as épocas de reprodução dos animais.

Na agricultura, basicamente, cultivam a mandioca e a macaxeira a banana e em menores proporções o abacaxi, o jirimum (abóbora), mamão, milho, arroz, cana-de-açúcar e cará. Criam galinhas e porcos soltos ao redor das casas.

Da macaxeira extraem a farinha que é um dos principais produtos de troca, com o patrão, por dinheiro ou por mercadorias. Este tem seu comércio assentado no local ou chega de barco (fregatão) monopolizando toda a produção.

Em janeiro, um peneiro de farinha, o equivalente a três quilos, custava Cr\$ 250,00: um cacho de bananas, Cr\$ 20,00 e dois peixes por Cr\$ 100,00. O que evidenciam, entre outras coisas, que eles não têm a menor ideia do valor do dinheiro. E, precisam dele, para adquirir o que os falta: roupas, sapatos, ferramentas (machado, facão), panelas, armas e munição, açúcar, sal, alguns produtos dos quais já dependem.

MORADIA

As moradias copiam o estilo cabloco da região. A casa é construída sobre estacas, com o piso e as paredes de palha e cobertas de folhas de acará. Nele habitam uma ou mais famílias unidas por parentes. Em geral, possuem dois ambientes (cozinha e sala).

A língua falada é a Tükuna, sendo que algumas pessoas na comunidade dominam o português.

O artesanato tem apenas valor cializado. Utilizam fibras de tucum para tecer maqueiras (redes), bolsas, e para fazer seus colares com sementes de árvores e dentes de animais. Fabricam cestas, panelas, espremedores, remos e canoas.

Inexistem demarcações de terras e isto tem gerado conflitos com os seringueiros e madeiros que invadem as áreas de perambulação dos índios. As terras, em geral, são devolutas.

Educação e saúde são dois setores com carências evidentes.

Na área de educação, as dificuldades vêm desde a falta de recursos, infra-estrutura e insuficiência de pessoas especializadas. O ensino bilíngüe, já adotado em 1970, esbarra ainda na necessidade de adequação do ensino ao estágio cultural de cada nação ou grupo indígena. Poucos sabem que a escola pioneira no ensino bilíngüe é a Escola Agrícola de Tenente Portella, aqui no Rio Grande do Sul.

TRANSIÇÃO

A lei n.º 6001/73 que dispõe sobre o Estatuto do Índio em seu artigo primeiro diz: "Esta lei regula a situação jurídica dos índios ou silvícolas e das comunidades indígenas, com o propósito de preservar a sua cultura e integrá-los, progressiva e harmoniosamente à comunidade nacional".

Não se pode pretender que os índios permaneçam no seu estado natural, se eles, ao constatarem com o civilizado, aspiram aos valores deste. "Ser Tükuna, para muitos índios desta tribo, é estar num estágio de transição entre ser índio e ser branco". Eles se ofendem se os chamamos de índio. "Índio é aquele índio bravo que anda atirando flechas", dizem. São afirmações da enfermeira, R. Gama que reside no Campus da PUCRS, em Benjamin Constant.

Por outro lado, os reflexos do crescimento desenfreado da sociedade nacional faz com que cada vez mais os brancos se aproximem das aldeias indígenas desrespeitando, inclusive quando são terras demarcadas. Neste sentido, o caboclo defendendo os interesses do patrão e a sua própria sobrevivência, prejudica o índio.

Infelizmente para o índio e para a preservação das nossas origens culturais, sempre que se tenta uma

integração, a relação será de dominação/subordinação, alterando muitos dos traços de tradicional cultura tribo' substituindo-os por aqueles da sociedade envolvente.

Os interesses de expansão e descoberta de novos mercados pela sociedade industrializada acaba por transformar o índio aculturado em mão-de-obra barata num sistema que já explora o caboclo, agravando a situação porque o índio, na estruturação social, ocupa um degrau mais baixo.

Múltiplos grupos, institutos, movimentos, fundações, comissões, conselhos, comitês e organizações outras, têm surgido ao longo da história contemporânea em defesa da causa indígena e da floresta amazônica. Raros são os indivíduos dessas congregações que têm obtido êxito nesta amarga caminhada.

É premente que se redefina e se reconside o índio como sendo o primeiro brasileiro, verdadeiro dono da terra e, acima de tudo, ser humano como todos nós. Devemos pensar em integração como Rui Contrim, chefe do Posto Indígena da FUNAI em Tenente Portella: "Há de haver neste país de dimensões continentais, um lugar reservado para as minorias étnicas, respeitando a sua cultura e permitindo a sua livre manifestação".

CABOCL

Na Amazônia ninguém gosta de ser chamado de caboclo, nem o próprio. Soa como termo pejorativo. A problemática do seringueiro, do madeiro e dos demais ribeirinhos não deve ser ignorada. Este homem tem consciência da sociedade nacional, sente a sua marginalização, sabe que não tem terras e não aceita que o índio as possua. Sofre as mesmas durezas impostas pelo meio físico e não tem a proteção de um órgão como a FUNAI, que se preocupa especificamente com ele.

Uma das noites memoráveis na Amazônia devemos a um seringueiro. Era noite de tempestade e impossibilitados de continuar a viagem, atracamos. Como no barco só cabiam quatro redes e éramos sete, peguei a minha e subi o barranco, amarrando-a na casa do seringueiro. A casa, modelo típico da região, abrigava sua numerosa família e eventuais viajantes que seguiam pelo rio Jandiatuba.

MÁRIO PALMÉRIO

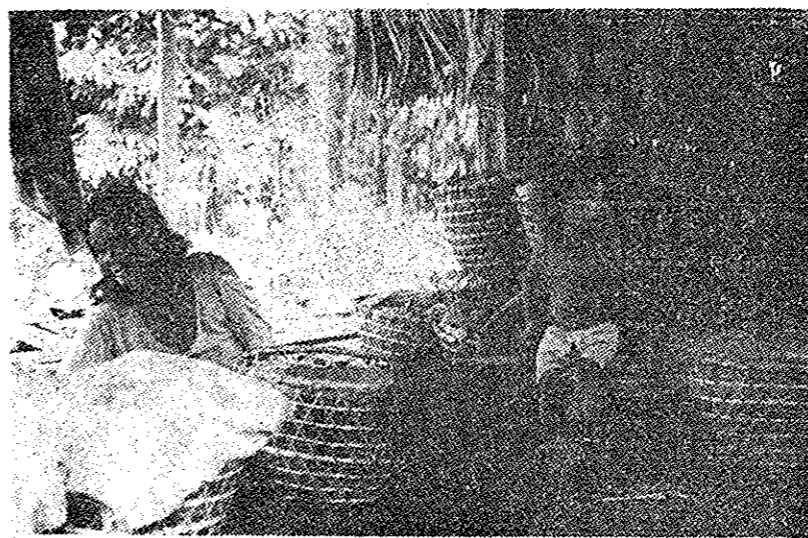
Numa aldeia indígena quando se escuta o barulho do motor de uma embarcação, todos correm até a margem para ver quem chegou.

Numa dessas, conhecemos o escritor Mário Palmério, Mineiro de Monte Carmelo, professor de matemática, deputado, embaixador, fazendeiro, eleito em 1968 para a vaga de Guimarães Rosa na Academia Brasileira de Letras, Mário Palmério, agora aposentado, concretiza seu sonho acalentado desde 1970, quando regressou da Amazônia por onde viajara durante um ano.

Sonhara viver num barco, subindo e descendo o Amazonas em busca de novos temas e novos ambientes para o seu ofício de novelista. Durante anos, imaginou e arquitetou a sua futura moradia, Lancou-na na água este ano. O "Visconde de Carvajal" tem todo o conforto: energia elétrica, solar, telefone, rádio e biblioteca. "Estas coisas indispensáveis para quem está sujeito a todo a sorte de imprevistos", argumenta o escritor.

Numa terra de surpresas constantes, o contato com o escritor e seus companheiros de viagem (Olga e o neto Dudu) possibilitaram uma camaradagem fácil. Como estudantes só o conhecíamos de "Vila dos Confins" (sempre lembrado nos vestibulares) e do "Chapadão do Bugre".

O material que ele obteve nos seringais, castanheiras, garimpos, aldeamentos indígenas em 1969/70 e que foi alvo de conferências no Brasil e no exterior, agora é enriquecido e reunido em outro livro. Neste, Mário Palmério falará sobre o Amazonas como o último chão virgem da terra.



Índios Tükuna fazem peneiros de farinha, com capacidade para 30 quilos



A vida indígena gira ao redor do rio, o principal meio de transporte



Irmão José, messias no Brasil e no Peru. (Foto J. Gruber)



Calcula-se em 14 mil a população atual da tribo. (Foto Jussara Gruber)

José da Cruz, o messias

Dois dos pesquisadores que mais tempo se detiveram junto aos Tükuna, Curt Nimuendaju e Frei Fidelis de Alviano, não esconderam a dificuldade encontrada em conseguir elementos da original religião deste povo.

Nimuendaju, que esteve em contato com eles por longo tempo, escreveu: "Os índios não dão absolutamente nenhuma explicação da sua religião aos neobrasileiros". Frei Alviano, na condição de missionário, viveu junto a estes índios cerca de 30 anos. Afirmou que eles são reservados em manifestar aos brancos as suas convicções.

Apesar do natural retraimento, os dois pesquisadores deixaram escritas algumas páginas sobre a original religião desta tribo.

Não paira dúvida de que os Tükuna acreditam na existência de um Mundo Superior, e de um Mundo Inferior. Para eles, o Mundo Superior não é a morada dos astros e se divide em três partes: a primeira é habitada por seres semelhantes aos da terra, vivendo em condições diferentes; a segunda é o lugar de habitação de "ta-e", deusa Tükuna — e das almas dos mortos; a última pode ser a habitação do rei dos urubus, os quais são capazes de se transformar em pássaros, mas não podem retornar à terra. Nenhuma pessoa viva pode entrar no Mundo Superior, nem mesmo o xamã ex quanto sonha.

No Mundo Inferior habitam os demônios. Eles são os seres mais antigos do mundo, se bem que não imortais. Vêm representados por máscaras estranhas e exóticas. Segundo Nimuendaju, os demônios vivem em terras subterâneas, às quais têm acesso através de cavernas. As regiões subaquáticas são parte desse mundo inferior, que compreende várias terras com diferentes condições e entradas separadas. Os demônios não são seus únicos habitantes. Outros residentes são humanos, embora com estranhos defeitos físicos.

É precisamente a situação de subordinação aos brancos que fomenta a esperança messiânica entre os Tükuna, cuja ação missionária sempre foi católica. Segundo Maurício Vinhas de Queiroz, o messianismo entre estes índios "não pode ser entendido senão em termos de contato com a civilização, mas não é o contato propriamente dito que determina o movimento: são condições sócio-econômicas que dele decorrem, em particular o domínio e as espoliações dos índios por parte dos seringueiros que se apossaram das terras tribais e procuram impor-lhes um comércio altamente lesivo".

Dessa forma, os movimentos messiânicos são tentativas singulares de reação de alguns grupos tribais à dominação exercida sobre eles por representantes da sociedade envolvente (nacional ou colonial).

Os movimentos messiânicos entre os Tükuna, especialmente o último, se revestem de cunho religioso, tendo, porém, como seu fundamento, além da tentativa de reação, o desejo de restauração da ordem tribal (social-política-econômica), desfigurada pelo contato com o branco. O Movimento de Santa Cruz, além destas características, é motivo de identificação étnica tribal.

Segundo Queiroz, até 1961 ocorreram sete surtos messiânicos entre os Tükuna, tendo o primeiro se iniciado no início deste século quando uma jovem Tükuna do território peruano, tida pelos índios como carismática, reuniu em torno de si índios brasileiros e peruanos. Depois apareceram outros messias.

No final de 1971, correu a nova entre os índios de que vinha descendo o rio Solimões "alguém que fazia milagres" e que era "enviado para os Tükuna". A chegada da ravana messiânica, composta de embarações, causou um profundo impacto psicológico nos indígenas. Com efeito, o messias anunciado (aquele que até hoje permanece entre os Tükuna) era o sócia da figura de Cristo, tão familiar a estes indígenas: um homem alto, magro, barbudo, vestido com uma túnica branca e carregando sua cruz. A pregação do messias nas margens do grande rio a uma multidão silenciosa e deslumbrada, evocava neles outro cenário, também familiar, o de Cristo pregando no Lago Tibírides. Diante deste espetáculo, provocado pela esperança e confirmado pela visão de um homem carismático, a identificação de José Francisco da Cruz como Cristo foi total. E por isso que, a nosso ver, essa identificação ou deificação do personagem, dispensa sua legitimação tramaturga. O raciocínio deles é analógico: Irmão José é Cristo, Cristo faz milagres, logo Irmão José também faz milagres. Porém, se nós não os vemos, é porque "somos pecadores".

A grande maioria da população Tükuna aderiu ao Movimento de Santa Cruz. Poucos brancos a ela se vincularam. José Francisco da Cruz é considerado pelos indígenas como sendo Cristo, o messias esperado que os libertará dos brancos. Por isso, eles aguardam para o futuro o cataclisma anunciado por Irmão José, no qual os católicos e os brancos desaparecerão, enquanto que eles, da Santa Cruz, se salvarão, vivendo a partir daí em perfeita felicidade, visto que estarão livres de quem os oprime". (TUKUNA: vida ou morte", de Ari Pedro Oro, coedição UCS, EST e Vozes)